

CONFORME O DISPOSTO NA FICHA DE INSCRIÇÃO, EXPLÍCITE:

- a) Área de inscrição
- b) Modalidade de pesquisa: comunicação oral
- c) Trabalho a ser apresentado de acordo com:
 - Área (escreva a área): 4 – Ensino de Ciências Humanas
 - Tema/modalidade de pesquisa (escreva qual): 13- Outra

TRIANGULAÇÃO EM PESQUISA QUALITATIVA: CONTRIBUIÇÕES E LIMITAÇÕES

Alex Alves Egidio

Universidade Estadual de Londrina
alex.egidio.uel@outlook.com

Simone Reis

Universidade Estadual de Londrina
simoneis@gmail.com

Resumo

Neste relato, discutimos, em termos histórico e conceituais, o desenvolvimento do trabalho de triangulação em pesquisa qualitativa, técnica que vem sendo empregada nas últimas sete décadas visando à confiabilidade de análises e resultados. Ilustramos uma experiência de triangulação por meio de elementos sinóticos. Além disso, oferecemos considerações sobre as vantagens e limitações da triangulação realizada em uma pesquisa qualitativa. Dentre as contribuições, destacamos a maior confiabilidade que pesquisadores têm ao submeter seus dados e análises ao crivo de trianguladores. No que concerne a limitações, ressaltamos a necessidade do pesquisador tomar decisões coerentes com sua postura ontológica e epistemológica como, por exemplo, na supressão de excertos com classificações insuficientes.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa. Triangulação. Inter-subjetivação.

Abstract

In this paper, we discuss in historical and conceptual terms the development of the triangulation technique in qualitative studies. It has been adopted in the last seven decades aiming at increasing the reliability of the analyses and results. We illustrate an experience of triangulation by means of synoptic elements. Besides, we offer considerations about the advantages and limitations based on the triangulation technique carried out in an qualitative study. Among the contributions, we stress the increased reliability that researchers have as they submit their data and analyses to triangulators. Regarding the limitations, we highlight the researcher's need to take coherent decisions bearing in mind his ontological and epistemological choices, for example, suppressing excerpts with insufficient classifications.

Keywords: Qualitative research. Triangulation. Inter-subjectivation.

Introdução

Diferente das pesquisas de natureza quantitativa, a busca por confiabilidade na análises e resultados de estudos qualitativos é relativamente recente, cerca de sete décadas (DENZIN, 2012; MATHISON, 1988). Uma técnica que vem sendo adotada e aperfeiçoada para essa finalidade é a *triangulação*. Ao conceituá-la para os estudos qualitativos, Mathison (1988, p. 15) também adverte: “[...] triangulação é uma estratégia que fornece evidências ao *pesquisador* para fazer sentido de certo fenômeno social, mas a *estratégia* de triangulação não faz, por si só, isso”. Nesse sentido, a maneira como o pesquisador conduz a triangulação e como lida com seus resultados também informa sobre suas visões ontológicas e epistemológicas.

Neste manuscrito, exploramos a triangulação como procedimento analítico aplicado durante a condução do trabalho final de curso de graduação (EGIDO, 2018) do primeiro autor, orientado pela segunda. Ao propormos este recorte, visamos a responder à seguinte pergunta: *quais foram as vantagens e limitações de tal procedimento?*

Estruturado em cinco momentos, após esta introdução, discutimos em termos histórico e conceitual o desenvolvimento do processo de triangulação. Em seguida, situamos o leitor sobre a pesquisa que o recorte aqui apresentado integra, para, em seguida, ilustrar o formato, as fases e resultados da triangulação conduzida. No último momento, retomamos à pergunta de pesquisa e fazemos considerações sobre a postura do pesquisador na condução de tal procedimento.

1. Triangulação por Instrumentos humanos em Pesquisa Qualitativa

A discussão da necessidade de técnicas para elevar a confiabilidade em pesquisa qualitativa remete à década de 1950, ao trabalho de Donald T. Campbell e Donald W. Fiske (MATHISON, 1988). Na década seguinte, Eugene J. Webb (Literatura e Filosofia), Donald T. Campbell e Richard D. Schwartz (Ciências Sociais) e Lee Sechrest (Psicologia) cunharam o termo *triangulação* à pesquisa qualitativa (MATHISON, 1988). Analogamente, este termo já era empregado por profissionais da navegação para marcar dois pontos conhecidos e, assim, conseguir localizar um terceiro, antes oculto.

No que concerne às suas possibilidades de aplicação, Denzin (1978; 2012) discute quatro formatos, a saber: triangulação por meio de (a) *dados*, na qual o pesquisador coleta

e/ou gera materiais para análise através de diferentes instrumentos, em vários momentos e ou com distintos participantes¹²; (b) *pesquisadores / atores sociais*, diz respeito a participação de outros pesquisadores, seja na coleta/geração e ou análise de dados³; (c) *perspectivas teóricas*, refere-se à adoção de mais de uma teoria à interpretação dos dados, e (d) *metodológicas*, a mais de uma abordagem analítica aos dados.

Focalizando o segundo tipo de triangulação, Reis (2018) usa o termo *Instrumentos humanos* para referir-se aos trianguladores, uma vez que eles são “[...] usuários da linguagem [e] atuam como seus intérpretes”. De caráter subjetivista, o crivo das análises e categorias por meio dos trianguladores pode conferir ao estudo maior confiabilidade, seja pela sua confirmação ou pela sua refutação. Nas palavras da autora, o pesquisador responsável pela condução do estudo também é *instrumento* (i.e. triangulador), visto que “[...] seu conhecimento, sua bagagem de experiências e suas perspectivas atuam como filtros no trabalho de interpretação de dados” (REIS, 2008, p.87).

Os resultados de triangulação, segundo Reis (2008), podem indicar que a análise conta com *consistência*, quando a classificação de determinado excerto de dados coincide com a do pesquisador; *divergência*, quando um triangulador classifica determinado excerto diferentemente daquela feita pelo pesquisador e da maioria dos trianguladores. Neste caso, a classificação inicial do pesquisador é mantida; e *alternatividade*, quando a maioria dos trianguladores classifica determinado excerto de modo diferente daquele feito pelo pesquisador. Nesse caso, o proponente do estudo abandona sua classificação inicial e adota a sugerida pela maioria dos trianguladores.

2. Desenho da pesquisa

Nesta seção, apresentamos um panorama do estudo (EGIDO, 2018) e delimitamos o recorte da pesquisa original para esta disseminação. Ao final desta seção, informamos a pergunta de pesquisa a nortear nossa análise, bem como o momento a ser respondida.

No curso de Letras Inglês da Universidade Estadual de Londrina (UEL), alunos regularmente matriculados no quarto ano desenvolvem uma pesquisa relacionada às suas

¹ No texto de Reis (2008), este formato de triangulação converge com *instrumento-objeto*.

² Sugerimos os relatos de pesquisa de Humble (2009) e Piggot-Irvine (2008) como ilustrações.

³ Salientamos ao leitor que este é o formato que discutiremos mais precisamente e ilustraremos nas seções seguintes.

práticas de estágio, cuja condução é um requisito à aprovação na licenciatura. No ano de 2017 e no papel de aluno-professor, o primeiro autor lecionava Língua Inglesa (LI) a alunos do Laboratório de Línguas da universidade supracitada. Durante o primeiro semestre acadêmico daquele ano, ele planejou e conduziu 30 aulas, sob supervisão da segunda autora. Com o consentimento oral dos alunos, o primeiro autor gerou dados de quatro discussões orais conduzidas em sala de aula. Para o propósito de seu trabalho final, ele analisou somente o material da primeira geração de dados, conduzida em 11 de maio de 2017.

Exploramos os dados segundo a Análise Paradigmática e Sintagmática (APS). A APS é método e metodologia usada nos Estudos da Linguagem (REIS, 2015; prelo). Além de propor leituras cíclicas, a fim de categorizar os dados (i.e. fase paradigmática), esta abordagem preocupa-se com o uso da linguagem no momento da redação da análise e resposta às perguntas de pesquisa (i.e. fase sintagmática). Outro princípio da APS diz respeito à triangulação da análise (REIS, 2008), que entendemos ser procedimento dialógico, também. Ao apresentarmos ilustrações quanto à condução e resultados da triangulação, buscaremos subsídios para respondermos à seguinte pergunta de pesquisa: *quais foram as vantagens e limitações do procedimento de triangulação?* Responderemos essa pergunta na última seção deste manuscrito.

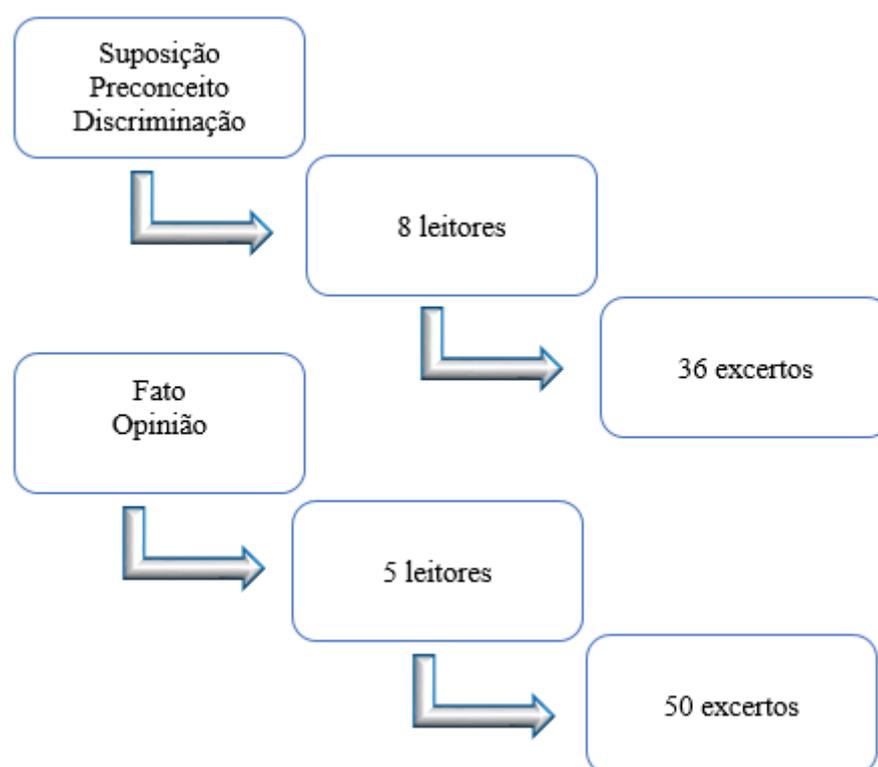
3. Ilustrações do processo de triangulação

Em um primeiro contato com os dados, propomos, por meio de leitura indutiva, três categorias analíticas (viz. suposição, preconceito e discriminação). Após releitura, também percebemos ocorrências de fatos e opiniões nas falas dos participantes. Para confiança em nossas interpretações analíticas, encaminhamos uma mensagem eletrônica convidando colegas do grupo de pesquisa *Linguagem & Poder* (CNPq), coordenado pela segunda autora, para participarem do processo de triangulação da análise⁴. Eles são ou doutores ou estudantes de doutorado e docentes em instituições superiores de ensino ou na educação básica.

⁴ Ressaltamos que o procedimento de triangulação também pode ser conduzido em outros formatos como, por exemplo, encontro presencial (CHIMENTÃO, 2016; CORADIM, 2015) ou por meio do qual o pesquisador envia aos trianguladores quadros analíticos com somente os excertos e possíveis classificações, ou seja, sem a totalidade dos dados. Este segundo formato foi ilustrado por Reis (2008) e adotado por D'Almas (2011) e por Senefonte (prelo). Optamos por compartilhar com os trianguladores a totalidade dos dados com os leitores em razão de sua extensão.

Enviamos a eles informações sobre o contexto do estudo, perguntas de pesquisa, categorias, glossário das classificações analíticas e a transcrição dos dados. Pedimos que usassem recurso computacional do Word para grifarem os excertos, no qual cada cor corresponderia a uma categoria, por exemplo: **suposição**, **preconceito** e **discriminação**. Em um prazo de 8 dias todos os colegas encaminharam suas contribuições.

Figura 1: Categorias, leitores e excertos



Fonte: Traduzido de Egido (2018, p. 42)

Na figura 1, apresentamos os dois grupos de categorias analíticas, a saber: (i) suposição, preconceito e discriminação e (ii) fato e opinião; e seus respectivos números de leitores e excertos classificados. Esclarecemos que a divergência em número de leitores do primeiro grupo de termos analíticos para o segundo foi em decorrência da indisponibilidade de alguns colegas do grupo de pesquisa para releitura os dados.

Com o propósito de comparar as interpretações feitas pelos leitores, organizamos os excertos e suas classificações por meio de recurso sinótico (ver Quadro 1⁵). Neste, na primeira coluna, à esquerda, indicamos o excerto analisado; da segunda coluna (T1⁶) à nona (T8), a classificação de cada leitor, em que a cor de X refere-se a sua interpretação. Nas três últimas colunas da direita, fizemos a síntese das leituras dos colegas entre convergência (CON), divergência (DI) ou alternatividade (AL). Adotamos o termo “NO” para excertos não classificados inicialmente pelos leitores.

Quadro 1: Primeira bateria de triangulação de suposição, preconceito e discriminação

Minha leitura	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8	CON	DI	AL
I don't know.... but I think the context... [changed] many years ago. The context is different for the students and do not have money for... (L.12)	X	X	NO	X	X	X	X	X			
this profession is [considered] the most important profession in the world or something like that (L.17)	X	X	NO	X	X	X	X	X			
So... if you are like a woman... they think you are not prepared or.... (L.19)	X	X	NO	X	X	X	NO	X			
It is a medical... concept. (L.20)	X	NO	NO	X	NO	X	NO	NO			
For example, if you are the son of a doctor, do you think it will be easier to become a doctor than if you are a poor person and has no relation with a doctor? (L.21)	NO	NO	NO	NO	X	NO	X	NO			
your parents will force you (L.23)	X	X	NO	X	X	NO	X	X			
But in most, it is white people with money. Look at the medicine [[undergraduate course here]] at UEL. Most people are white. (L30)	X	NO	NO	X	NO	X	X	X			
the same faces. (L32)	NO	NO	NO	X	NO	X	NO	X			
the... time passes.... but the reality [doesn't]. (L.33)	X	NO	NO	X	NO	X	NO	X			
where are the black people?	NO										

⁵ Em razão da extensão permitida neste relato de pesquisa, apresentamos aqui um recorte dos quadros analíticos de suposição, preconceito e discriminação. Os quadros na íntegra, bem como os concernentes às classificações de fato e opinião, podem ser acessados em Egido (2018).

⁶ T1 e códigos alfanuméricos subsequentes foram adotados para garantir a anonimidade dos trianguladores.

(L.35)												
where are the black people... in university? ... It is not only at UEL.... in universities in Brazil... (L.36)	NO	NO	NO	X	NO	X	NO	NO				

Fonte: Egido (2018, p. 86)

Ao concluirmos a disposição das interpretações dos trianguladores nas colunas de T1 a T8, notamos que estas eram insuficientes para a síntese (i.e. CON, DI ou AL) e confiança na análise. Dito de outro modo, nenhum excerto que classificamos (ver a primeira coluna da esquerda) foi classificado por todos os outros leitores. Assim, consideramos necessário solicitar nova leitura dos trianguladores, a fim de alterar a ocorrência do termo “NO” por categoria analítica. Por exemplo, em uma mensagem eletrônica individual, pedimos a T5 que analisasse os seguintes excertos:

It is a medical... concept. (L.20)

But in most, it is white people with money. Look at the medicine [[undergraduate course here]] at UEL. Most people are white. (L30)

the same faces. (L32)

the... time passes.... but the reality [doesn't]. (L.33)

where are the black people? (L.35)

where are the black people... in university? ... It is not only at UEL.... in universities in Brazil... (L.36)

Em posse das classificações complementares dos trianguladores, pudemos completar o quadro de triangulação e o apresentamos atualizado (ver Quadro 2) para que o leitor possa visualizar as mudanças e sínteses desse processo (e.g. preenchimento das colunas CON, DI e AL). Salientamos que, após a (tentativa) de classificação complementar, alguns trianguladores relataram não compreenderem o excerto encaminhado a eles como relacionável a alguma das três categorias. Assim, excertos com classificações insuficientes para serem sintetizados como casos de convergência, divergência ou alternatividade, optamos por inseri-los como apêndice no trabalho final (EGIDO, 2018). Tal decisão deixa espaço para que o leitor possa percorrer

os dados e fazer suas próprias interpretações. A título de ilustração, T5 classificou somente três dos cinco excertos encaminhados a ela.

Quadro 2: Segunda bateria de triangulação de suposição, preconceito e discriminação

Minha leitura	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8	CON	DI	AL
I don't know... but I think the context... [changed] many years ago. The context is different for the ... students and do not have money for... (L.12)	X	X	X	X	X	X	X	X	OK		
this profession is [considered] the most important profession in the world or something like that (L.17)	X	X	X	X	X	X	X	X		OK	
So... if you are like a woman... they think you are not prepared or.... (L.19)	X	X	X	X	X	X	NO	X		OK	
It is a medical... concept. (L.20)	X	X	X	X	X	X	NO	NO		OK	
For example, if you are the son of a doctor, do you think it will be easier to become a doctor than if you are a poor person and has no relation with a doctor? (L.21)	NO	X	X	X	X	X	X	NO		OK	
your parents will force you (L.23)	X	X	X	X	X	NO	X	X			
But in most, it is white people with money. Look at the medicine [[undergraduate course here]] at UEL. Most people are white. (L.30)	X	X	X	X	NO	X	X	X		OK	
the same faces. (L.32)	NO	X	NO	X	NO	X	NO	X			
the... time passes... but the reality [doesn't]. (L.33)	X	X	X	X	X	X	NO	X		OK	
where are the black people? (L.35)	NO	X	X	X	NO	X	NO	NO			
where are the black people... in university? ... It is not only at UEL... in universities in Brazil... (L.36)	NO	X	X	X	X	X	NO	NO			

Fonte: Egido (2018, p. 91)

No Quadro 3, apresentamos ao leitor resultados de ambas as fases de triangulação⁷ e os fenômenos (viz. consistência, divergência e alternatividade) apurados com respeito à cada grupo de categorias (viz. (a) fato e opinião ou (b) suposição, preconceito e discriminação).

Quadro 3: Síntese do processo de triangulação

⁷ A primeira, na qual todos os trianguladores leram a totalidade dos dados; e a segunda, na qual encaminhamos excertos específicos em mensagens individuais.

Fenômenos \ Fase Categorias	Primeira		Segunda	
	Fato Opinião	Suposição Preconceito Discriminação	Fato Opinião	Suposição Preconceito Discriminação
Consistência	13	X	18	1
Divergência	8	X	22	21
Alternatividade	2	X	6	2
Novos excertos⁸	5	9	X	X

Fonte: Traduzido de Egido (2017, p. 43)

Percebemos que quanto maior o número de trianguladores, mais difícil se torna a tarefa de sintetizar as interpretações em termos de consistência, divergência e alternatividade. Isso aconteceu, por exemplo, na primeira fase de triangulação de suposição, preconceito e discriminação. Focalizando o quadro 3, o leitor nota que nesta fase preenchemos com X os espaços com classificações insuficientes para síntese. Por outro lado, excertos de fato e opinião, que tiveram somente cinco trianguladores, foram mais facilmente sintetizados (ver segunda e quarta colunas).

4. Considerações finais

Neste relato de pesquisa, discutimos o procedimento de *triangulação* enquanto técnica que visa a dar confiabilidade de análises em pesquisas qualitativas. Para tanto, apresentamos ilustrações de pesquisa desenvolvida no âmbito do curso de graduação em Letras Inglês na UEL (EGIDO, 2018). Ao retomar a pergunta de pesquisa (i.e. *quais foram as vantagens e limitações ao adotar este procedimento?*), por meio do procedimento e parâmetros descritos, pudemos reclassificar oito excertos e verificar a plausibilidade de outros 32.

No que concerne a limitações, salientamos que, quando a técnica de triangulação conta com mais de cinco participantes, o proponente do estudo precisa estar atento a como proceder

⁸ Empregamos o termo *novos excertos* a interpretações dos trianguladores a excertos que nós não havíamos classificado inicialmente. Nos quadros analíticos, esses excertos estão sinalizados pelo uso do *itálico*. No grupo analítico de fato e opinião, consideramos excertos classificados por três ou mais trianguladores. Enquanto que no grupo analítico de suposição, preconceito e discriminação, incorporamos excertos classificados por quatro ou mais trianguladores.

a ocorrência dos fenômenos (i.e. consistência, divergência e alternatividade). Esta observação deriva de nossa experiência ao conduzir a triangulação de suposição, preconceito e discriminação, que contou com oito leitores. Algumas vezes, como foi o nosso caso, os trianguladores nem classificam os excertos com base nas categorias analíticas propostas, nem sugerem novas. Assim, é responsabilidade do pesquisador qual ação tomar. Ele pode ignorar a existência desses excertos com classificações inconsistentes ou apresenta-los em outro momento para que o leitor os interprete. Adotamos a segunda opção no trabalho do qual este é um recorte e apresentamos os excertos em apêndice (EGIDO, 2018).

A pesquisadores iniciantes na prática de triangulação, sugerimos a leitura de trabalhos de membros do grupo de pesquisa *Linguagem & Poder* (CNPq), a fim de conhecerem outras possibilidades de organização dos retornos aos trianguladores.

Referências

- CHIMENTÃO, L. K. **Entre quatro binários: um estudo sobre desenvolvimento profissional docente**. 2016. 357 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.
- CORADIM, J. N. **Ciclos reflexivos alternativos**. 2015. 348f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.
- D'ALMAS, J. **Leitura Crítica: um estudo da aprendizagem de alunos-professores de inglês**. 2011. 152f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- DENZIN, N. K. Triangulation 2.0. **Journal of Mixed Methods Research**, California, v.6, n.2, 2012, p. 80-80.
- EGIDO, A. A. Students' presupposition, prejudice, and discrimination in an English language class. 2018. 105 f. Final Paper. (English and Literature undergraduate program) – State University of Londrina, Londrina, Brazil. 2018.
- HUMBLE, A. M. Technique Triangulation for Validation in Directed Content Analysis. **International Journal of Qualitative Methods**, Alberta, v.8, n.3, 2009, p. 34-51.



V Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos

Foz do Iguaçu, 30 e 31 de Maio e 1 de Junho de 2018

Pesquisa Qualitativa na
Educação e nas Ciências em Debate

Do SIPEQ a sócio da SE&PQ:
torne-se um pesquisador em rede

MATHISON, S. Why Triangulate? **Educational Researcher**, Washington, v. 12, n. 7, 1988, p. 13-17.

PIGGOT-IRVINE, E. Triangulation in action Mixed method evaluation of a professional development program for teachers of students with special education needs. **Evaluation Journal of Australasia**, Alberta, v. 8, n. 1, 2008, p. 3-10.

REIS, S. Triangulação em pesquisa qualitativa: consistência, divergência, alternatividade e causas. In: DURÃO, A. B. A. B.; ANDRADE, O. G.; REIS, S. (Org.). **Reflexões sobre o ensino das línguas estrangeiras**. Londrina: Eduel, 2008. P.85-105.

REIS, S. **Análise paradigmática e Sintagmática**. 2015. Disponível em: http://www.uel.br/pessoal/sreis/pages/arquivos/PUBLICACOES/MEMOS/SIMONE%20REIS_2015_ANALISE%20PARADIGMATICA%20E%20SINTAGMATICA.pdf
Acesso em: 10 jan 2018.

REIS, S. **Análise paradigmática e sintagmática em pesquisa qualitativa com dados de linguagem humana**. prelo.

SENEFONTE, F. H. R. **Inglês Informal: Ensino e Formação de Professores**. Projeto de Pesquisa Doutoral em Estudos da Linguagem. Plataforma Brasil. CAAE: 57569916.0.0000.5231. Data de Submissão: 01/08/2016. Aprovado em: 08/08/2016.